

**DA UTOPIA ROMÂNTICA À DESCONSTRUÇÃO REALISTA  
DO PERFIL DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA:  
UM ENFOQUE LINGUÍSTICO-LITERÁRIO A PARTIR DE  
“SENHORA”, DE JOSÉ DE ALENCAR, E  
“DOM CASMURRO”, DE MACHADO DE ASSIS**

*Gabriela do Rosario Silva* (UENF)

[gabi.dorsilva@gmail.com](mailto:gabi.dorsilva@gmail.com)

*Camila do Rosario Silva Barreto* (UENF)

[camiladorsbarreto@gmail.com](mailto:camiladorsbarreto@gmail.com)

*Raquel do Rosario Silva* (UENF)

[raqueldorsilva@gmail.com](mailto:raqueldorsilva@gmail.com)

*Shirlena Campos de Souza Amaral* (UENF)

[shirlensa@gmail.com](mailto:shirlensa@gmail.com)

*Liz Daiana Tito Azeredo da Silva* (UENF)

[jolizdaiana@gmail.com](mailto:jolizdaiana@gmail.com)

**RESUMO**

O presente trabalho intenciona ressaltar o espaço social ocupado pelas mulheres na segunda metade do século XIX, no sentido de evidenciar os perfis identitários femininos representados na Literatura Brasileira nesse período de profundas transformações sociais, cujas personagens femininas angariaram destaques nas narrativas literárias, sobretudo às personagens criadas por José de Alencar e Machado de Assis. Para compreender esse contexto, são trazidos aspectos concernentes à Literatura e a sua construção no Brasil a partir dos estilos de época Romantismo e Realismo, os quais se sucederam por meio da análise das personagens Aurélia Camargo e Capitu sob o aporte teórico da Linguística, de modo a ressaltar os recursos utilizados pelos autores para a construção dessas personagens –, pois o leitor, ao realizar a leitura do texto literário, lê a si próprio e ao mundo que o rodeia, movido pela abordagem sensível da realidade construída pelo trabalho linguístico do escritor –, os quais desempenham no leitor o papel de ampliação das possibilidades de inferência, reflexão e associação do texto literário com as verossimilhanças. Nesse intento, propôs-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, mediante um estudo do perfil feminino na sociedade brasileira no século XIX, sobretudo à fluminense, abordando os principais paradigmas, bem como os ideais de postura esperados de serem correspondidos por essa mulher, no referido lapso de tempo. O estudo evidenciou que a visão social incutiu reflexos e influências nas posturas femininas acerca das questões pertinentes a diversos aspectos da sua vida e, por conseguinte, na construção dessa mulher sob a ótica literária Alencariana e Machadiana, que ressalta a presença feminina buscando por seus direitos, realizando renúncias, estabelecendo a liberdade tão sonhada, construindo-se psicologicamente, dentre outras questões.

**Palavras-chave:**

Linguística. Mulher. Realismo. Romantismo. Literatura Brasileira.

ABSTRACT

This paper intends to highlight the social space occupied by women in the second half of the nineteenth century, in order to highlight the female identity profiles represented in the Brazilian Literature in this period of profound social transformations, whose female characters garnered highlights in literary narratives, especially the created characters. by José de Alencar and Machado de Assis. To understand this context, aspects concerning Literature and its construction in Brazil are brought from the styles of Romanticism and Realism, which were followed by the analysis of the characters Aurélia Camargo and Capitu under the theoretical framework of Linguistics. to emphasize the resources used by the authors to construct these characters – because the reader, when reading the literary text, reads himself and the world around him, moved by the sensitive approach of reality built by the writer’s linguistic work –, which play in the reader the role of enlarging the possibilities of inference, reflection and association of the literary text with the likelihood. In this sense, it was proposed a bibliographic research, through a study of the female profile in Brazilian society in the nineteenth century, especially the Fluminense, addressing the main paradigms, as well as the ideals of posture expected to be matched by this woman, in the aforementioned. time lapse. The study evidenced that the social vision instilled reflexes and influences in the feminine postures about the pertinent questions to several aspects of its life and, consequently, in the construction of this woman from the literary perspective Alencariana and Machadiana, that emphasizes the feminine presence searching for their rights, performing renunciations, establishing the freedom so dreamed, building themselves psychologically, among other issues.

Keywords:

Linguistics. Realism. Romanticism. Woman. Brazilian Literature.

## 1. *Introdução*

O século XIX angariou destaque no contexto da história da nação brasileira, pois o referido período consagrou-se a partir de uma série de acontecimentos que causaram enormes transformações, a saber, a ascensão do capitalismo, o aumento da concentração da população urbana, caracterizado pelo êxodo rural, a consolidação de ideologias burguesas, que contribuíram para a disseminação de normas e regras sobre organização de modelos familiares, emergindo assim diretrizes sociais que vieram a nortear os direitos e deveres concernentes aos papéis a serem exercidos por homens e mulheres.

Nas principais cidades brasileiras, mesmo as transformações sociais acontecendo de forma gradativa, existia a presença de uma espécie de código de socialização para os cidadãos. Para as mulheres, mediante normas de boas condutas e bons costumes, predominava-se o perfil social circunscrito ao núcleo familiar.

Nessa perspectiva, os estilos literários emergentes desse período

apresentavam em suas obras os aspectos que circundavam esse meio social, valendo-se desses para a construção de suas personagens nas obras literárias. Desse lapso de tempo, evidenciava-se no Brasil os estilos de época Romantismo, predominando até o meado do século XIX, e na segunda metade desse período emerge o Realismo, cujas características romperam com o estilo anterior, vindo a balançar as relações e construtos sociais que já estavam fundamentadas e cristalizadas, sobretudo no que tange à mulher e suas formas de apresentação na sociedade.

A fim de evidenciar essas relações sociais, os autores tanto no estilo romântico quanto no realista valem-se da linguagem para apresentar e conduzir essas relações, as quais encontram respaldos mediante o verossímil para a construção das personagens femininas. Com isso, percebe-se a íntima relação entre linguística e literatura, cujo fio condutor está na linguagem, o que permite o diálogo com Lajolo (2011) ao ressaltar que a linguagem de que se ocupam determinadas áreas dentro dos estudos linguísticos se aproximam de alguns estudos literários, principalmente os inspirados na Estética da Recepção, na Desconstrução e no Marxismo de vertente inglesa, os quais costumam de forma frequente, a arquitetar a literatura como produto de determinadas práticas sociais de linguagem.

A partir do contexto apresentado, o presente artigo intenciona identificar os perfis femininos construídos como modelo no século XIX, cuja representação social da mulher encontrava-se em xeque nas obras literárias brasileiras desse período, sobretudo a partir da análise da personagem central Aurélia Camargo, na obra romântica *Senhora*, escrita e publicada em 1874, na forma de folhetim pelo autor Romântico José de Alencar, e, *Capitu*, do romance Realista “Dom Casmurro”, de Machado de Assis, publicada pela primeira vez em 1899.

A fim de melhor compreender os contexto sociais cunhados nas obras do século XIX, mediante os estilos de época Romantismo e Realismo, os aspectos sociais evidenciados nesse interim podem ser percebidos a partir de um estudo das personagens Aurélia Camargo e Capitu mediante o aporte da Linguística, de modo a perceber os recursos utilizados pelo autor na construção das personagens, ampliando as possibilidades de inferência, reflexão e associação no texto literário e os limites que perpassam a dicotomia ficção e não ficção, porquanto, à medida que um texto é produzido, o seu produtor realiza uma leitura do mundo que o cerca, movido pela abordagem sensível da possível realidade construída, o que é possível mediante um trabalho linguístico.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Com a finalidade de apresentar esse contexto, são trazidos, *a priori*, alguns conceitos breves sobre Literatura e sua história até a sua chegada ao Brasil, o período do Romantismo e do Realismo, bem como dos aspectos relacionados à obra literária no sentido de apresentar a construção das personagens femininas dentro dos dois estilos de época. *A posteriori*, são evidenciados alguns elementos característicos do século XIX, enfocando a visão do papel do ser mulher retratada nas obras literárias desse período. E por fim, uma análise dos elementos característicos nas personagens Aurélia e Capitu, bem como o tratamento dado a cada uma delas nas respectivas obras.

Os procedimentos metodológicos adotados têm como fonte de dados, a revisão teórica e interpretativa dos referenciais bibliográficos que evidenciam análises de trechos das obras que destacam a concepção da função e do papel da mulher na sociedade brasileira no século XIX, sobretudo a Fluminense, abordando os seus principais paradigmas e os ideais de postura esperados de serem correspondidos por essa mulher no referido período e estilos literários, sob a ótica literária Alencariana e Machadoiana.

### **2. Literatura e Linguística: diálogos possíveis**

A história da Literatura no Brasil inicia-se por volta do ano de 1500, atrelada à descoberta do País, cujos primeiros registros literários constam dos trechos da famosa Carta de Pero Vaz de Caminha direcionada ao rei de Portugal, Dom João VI, narrando as características da nova terra descoberta, a saber, o perfil dos seus habitantes, o clima, os animais e as riquezas existentes e em potencial de desenvolvimento.

Em virtude de o Brasil ter se tornado colônia de Portugal, gradativamente foram sendo impostas todas as influências do país lusitano, que por sua vez, era influenciado pelas literaturas europeias, ocasionando, tanto na literatura que chegava quanto na que era produzida, bastante dependência dos estilos literários de Portugal. Nesse ínterim, o Brasil torna-se objeto de uma cultura imposta, passando por um longo processo de aculturação, cujos resquícios desse período ainda podem ser notados.

Tal situação começou a ser alterada, de acordo com Bosi (1994), quando por volta do ano de 1600 Portugal deu início a um processo de perda de sua autonomia no campo político, decaindo-se à categoria de nação periférica dentro do contexto dos demais países da Europa, o que

gerou como implicações sua literatura ter o enfoque em outras culturas.

Assim sendo, mediante tais acontecimentos, o Brasil passou a anariar certa autonomia no que concerne à aquisição cultural, com destaque para o campo literário. Sendo inclusive, a partir desse período, que o país passou a ter sua própria identidade no que diz respeito à cultura, à sociedade, bem como da sua organização política e social.

Nesse contexto de transformação social, a Literatura assume papel de suma importância à compreensão dos elementos que regem a sociedade, o que a coloca em um patamar de ser considerada como uma linguagem auto referencial, à medida que fala de si mesma; entretanto, volvida por um discurso não pragmático, isto é, não tem finalidade prática imediata.

A compreensão e interpretação de um determinado texto literário demanda uma série de fatores linguísticos e extralinguísticos, dentre esses elementos contextuais, de total interdependência do arcabouço social, linguístico, político, dentre outros, tanto do produtor quanto do leitor do texto. O que permite inferir, que o leitor se envolve com um texto ou obra literária dentro de um contexto social e histórico que se relaciona com o ambiente de forma interativa, possibilitando assim a interpretação ou interpretações literárias, as quais estão imbuídas de ideologias e juízos de valores.

A questão de a interpretação literária encontrar-se fundamentada por ideologias, culminando ainda, na possibilidade do surgimento de outras interpretações, mediante variações de valores que permitem determinadas obras conservarem no decurso dos tempos, corrobora para a difícil tarefa de definir, no sentido de conceituação, o que pode ser considerado como Literatura.

De acordo com Terry Eagleton (2006), muitas têm sido as tentativas de definir literatura. Para o autor, se não há a possibilidade de observar a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível proferir que a literatura é apenas aquilo que, por teimosia, carregada de juízos de valores, decide ser denominada de Literatura. Inclusive, os próprios juízos de valores detêm uma íntima relação com as ideologias sociais, referindo-se, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas as suposições pelas quais determinados grupos sociais exercem e mantêm relações de poder sobre outros.

A Linguística, em virtude de constituir-se como uma área que se

interessa por aspectos concernentes ao âmbito linguístico, social, interativo dentre outros, auxilia-nos no entendimento e embasamento dos estudos literários, bem como na compreensão da obra, a qual se valem de elementos linguísticos e correntes da linguística, como por exemplo, a funcionalista. Consonante Martelotta (2008), não é uma tarefa fácil determinar as funções adotadas pela linguagem, já que a aplicação dessas acontece de forma distinta em diversas situações da vida social.

Martelotta (2008) apresenta que determinada teoria ou obra pode ser analisada a partir da proposta de Roman Jakobson, um dos discípulos de Ferdinand de Saussure. A teoria funcionalista cabe e bastante no campo da Literatura, à medida que Jakobson, como formalista, apresenta as tradicionais funções da linguagem: emotiva, referencial, conativa, fática, metalinguística e poética, ressaltando-se que, para a compreensão de cada uma das funções elencadas, é fundamental levar em consideração os elementos que constituem o ato de comunicação como o contexto que cerca o destinatário.

A partir desse viés, pode-se dialogar com Fiorin (2008) ao ressaltar que a literatura trata-se de um fato linguístico singular, ao passo que é mediante o campo da linguagem, a possibilidade de um trabalho com a língua, de modo a encontrar todas as suas potencialidades, que se condensam as maneiras de ver, pensar e sentir de uma dada formação social em uma determinada época. Em prol de tal intento, a Literatura é o compêndio de toda a produção do espírito humano ao longo da História.

O autor ainda ressalta que até por volta da década de 60 a relação entre a Linguística e a Literatura era bem modesta, pois de um lado tinha-se a análise do texto literário como o estudo da composição do plano do conteúdo em sua relação com uma realidade extralinguística, não sendo necessária a recorrência a nenhuma categoria linguística, o que, por conseguinte, não existia qualquer ligação entre esses dois campos do conhecimento, que por tradição dividem os estudos da linguagem; já do outro, na instituição de textos e na estilística, havia certo vínculo, porém pouco aperfeiçoado, entre as referidas áreas.

A mudança que acontece nos anos 60 transforma o panorama, sobretudo com a expansão do estruturalismo, fazendo com que a literatura pudesse encontrar apoio nas aquisições da linguística, intencionando elaborar uma teoria do texto literário. Assim, mudanças começaram a acontecer, tais como: o deslocamento do foco do autor –, antes era alvo de atenção à biografia –, as subjetividades, o contexto social, passando nesse

estágio, para o enfoque na obra ou texto literário.

Para Fiorin (2008), a Literatura exporta da Linguística conceitos que explicam como são estruturados os sistemas significantes, sejam eles quaisquer. Mais do que a Linguística, o que mantém relações com a Literatura é o sistema de signos e comunicação social, tal qual fora proposto por Saussure. Emergindo nesse período contextual da década de 60, duas vertentes dos estudos literários: a poética e a teoria da narrativa.

A primeira vertente é decorrente do programa dos formalistas russos, a qual encontrou em Jakobson seu grande formulador, enunciando assim, o princípio da função poética, que na concepção de Jakobson (1992, p. 130) “[...] projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação”. Não obstante, a segunda realiza a sua investigação fundamentando-se na ideologia do sistema linguístico, a saber, sintagma e paradigma, os quais ocorrem mediante a diversidade das narrativas realizadas (FIORIN, 2008).

Percebe-se, nesse percurso, que a Literatura se valeu dos conceitos da Ciência da Linguagem para fundamentar a sua concepção enquanto campo teórico. Contudo, de acordo com Fiorin (2008), isso não se configura como o mais importante desse contexto, e sim o fato de que o campo literário só foi possível a partir da noção de arbitrariedade do signo, princípio fundamental da linguística, pois uma obra literária traz em seu bojo a criação, que pode ser ou não comprometida com a representação direta e imediata de uma dada realidade, sendo tal realidade o sentido, a percepção do autor, de uma classe social ou parte de uma determinada de classe. E, por ser criação, é linguagem e como tal, é conduzida por códigos, os quais são passíveis de serem visíveis mediante o estudo da obra literária.

### **3. *A mulher na Literatura brasileira do século XIX: do idealismo romântico à desconstrução realista***

O campo da Literatura ao longo do tempo e da história passou por fortes transformações, as quais refletiram direta ou indiretamente no universo feminino, sobretudo no sentido de construção de identidades sociais. Considerando que a identidade não se trata de algo pronto, mas um fenômeno em constante processo de construção, é fundamental não perder de vista o contexto social que a mulher ocupa na segunda metade do século XIX no Brasil.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

O desenvolvimento do capitalismo, característico do século XIX, culminou no crescimento da população urbana, sobretudo associado ao fenômeno de êxodo rural, por conseguinte, a consolidação de ideologias burguesas, responsáveis, em sua grande maioria, pela disseminação de valores, tais como a organização familiar, incluindo-se os direitos e deveres de homens e mulheres nas principais cidades brasileiras, em especial, na cidade fluminense, capital do Império nesse período.

Mesmo com as transformações elencadas originando-se gradativamente, existia uma espécie de código de socialização para as mulheres, restringindo-as predominantemente ao núcleo familiar, atribuindo-lhes denominações como: mulheres de família, senhoras da alta sociedade, mulheres brancas, negras, pobres, escravas, prostitutas, dentre outras. Nesse período, em consonância com Campos (2010), reforçava-se o papel da mulher como aquela detentora, zeladora, tendo como principal função envolver-se nas tarefas relacionadas ao lar e à família. Assim, as mulheres burguesas eram criadas e educadas para o casamento, geralmente com herdeiros de famílias conceituadas, a fim de garantirem sua ascensão na burguesia e participação na sociedade.

Dentre os principais campos que funcionaram como importante meio para difundir valores incipientes e criar representações de indivíduos ideais, tendo como fundamento aspectos da cultura europeia, que influenciou de forma asseverada as ideologias brasileiras, ganhou destaque, segundo Ribeiro (2012), a Literatura, pois em termos comparativos, nos discursos e representações, as mulheres são apresentadas nas obras literárias de forma exaltada, idealizada, bem como consideradas necessárias para o complexo cenário social e nacional.

Com base nesse ideal, sobretudo para a mulher da alta sociedade, emerge um movimento literário amplo, de forma universal entre as nações, dotado de estilo e sucinto aos escritores da época sob a terminologia “Romantismo”, *a priori*, na França e na Inglaterra, o qual compreende o período da segunda metade do século XVII até a primeira metade do século XIX (PROENÇA FILHO, 2012). O movimento consistia em uma transformação estética, opondo-se às tradições neoclássicas, estabelecendo uma criação diretamente inspiradas em ambientes e modelos medievais, narrativas de fatos heroicos de aventuras e amor. Opondo-se a todos os estilos anteriormente aceitos, o qual cultivava a poesia lírica, o drama e o romance, desenvolvendo personagens esféricas, cujo objeto em evidência embasa-se nas linhas psicológicas (CANDIDO, 2000).



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Em consonância com Coutinho (2002), o Romantismo trata-se de um movimento completamente carregado de imaginação, subjetividade, poesia, aproximação da natureza, mistério, pessimismo, nostalgia, sonho, fé, individualismo, exageros pitorescos, surrealismos, divinização da mulher, distinguindo-se por traços formais estruturais. Assim, a autor romântico é impelido pela emoção e reflexão. Não se prende a regras estruturais de formatação, mas sim, prima pela inspiração individual, pela espontaneidade e pelo entusiasmo. Almeja buscar em suas criações uma interpretação para o mundo, mediante a criação de imaginários e esperando na realidade deles.

Assim sendo, de acordo com Proença Filho (2012), a mulher é apresentada no Romantismo como o elemento idealizado, dotado de pureza, convertida em anjo, em figura detentora de poder, inatingível, capaz de transformar a vida do próprio homem, entretanto não poderia fugir aos padrões socialmente construídos para ela. Logo, nas obras literárias essas deveriam ser representadas como tal.

Conforme assevera Coutinho (2012), as novas tendências que emergiram no meio do século XVIII –, em oposição aos ideais neoclássicos e consagrando o Romantismo –, refletem um estado de inconformidade às ideologias propagadas pelo intelectualismo, o absolutismo, o convencionalismo clássico, o esgotamento das formas e temas então dominantes. Assim, a imaginação criadora, o sentimento, a emoção e a sensibilidade, foram conquistando gradativamente o lugar ocupado antes pela razão, em virtude da noção de natureza e suas consequências, a saber, bondade natural, a pureza da vida em natureza, a superioridade da inspiração natural, primitiva, popular, tem a capacidade de atrair cada vez o interesse e o pensamento dos seres humanos (COUTINHO, 2002).

A relação estabelecida entre a Literatura e as demais áreas do conhecimento humano tem facilitado na compreensão do homem, no sentido de esclarecer o papel exercido pela mulher no sistema social, dentro do processo de interação em que essas se encontram inseridas. Nesse sentido, a mulher enquanto gênero que se diferencia do homem, ao longo de sua história vem ganhando destaques na literatura, em virtude de transitar pelos textos literários como signo de um determinado contexto histórico-social, em um processo de constituição de sua identidade dentro e fora da matéria literária (REDSON, 2010).

Rompendo com os ideais abrandados pelo Romantismo, o Realismo emerge na segunda metade do século XIX, revolvendo a sociedade

brasileira, inaugurando, assim, uma nova corrente teórico-filosófica da Literatura Brasileira, o que de acordo com Proença Filho (2012), nenhuma atitude de uma personagem realista é gratuita, pois estas apresentam tanto defeitos quanto qualidades.

A preocupação do estilo realista dá-se com a observação e a análise da realidade e de forma profunda, a fim de evitar uma visão superficial/grosseira, focando nos valores morais e estéticos desse real. Para Proença Filho (2012), a preocupação com a verdade não somente se dá no aspecto verossímil, por um rigor científico, mas intenciona-se a máxima aproximação com a realidade e a verdade que a circunda, na busca pela exatidão.

Nesse intento, a realidade idealizada ultrapassa a racionalidade ou imaginação mediante sentimentos, consagrando-se como uma realidade materializada na verdade. Nota-se uma rigorosidade lógica entre as causas biológicas e sociais, que consonante Proença Filho (2012) determina e justifica certos comportamentos das personagens, havendo, assim, uma lógica científica aceitável ao seu comportamento, o que pode ser verificado mediante as atitudes de algumas personagens que compõem as narrativas realistas.

Assim sendo, nas narrativas realistas há a preferência por temas relacionados às patologias sociais, a saber, miséria, adultério, criminalidade, desequilíbrio psíquico, problemas ligados à sexualidade, dentre outros, na intencionalidade mais determinista, de reforma da sociedade (PROENÇA FILHO, 2012). Assim, os valores de bondade, construídos como características dos seres humanos caem por terra, dando vazão, agora, a seres humanos problemáticos, sobretudo as mulheres que de idealizadas passam a ser extremamente ressaltadas, apresentando-se nas obras literárias realistas com lados obscuros, sombrios, agindo de forma a manipular, traidoras, adúlteras, dentre outros aspectos.

Mediante o que fora exposto como característica e aspectos dos dois estilos de épocas, os quais cada um apresentava um formato de perfil social da mulher, verificar-se-á nas próximas seções como essas identidades femininas foram sendo construídas totalmente mergulhadas no contexto social da época na qual as obras foram escritas, a partir de duas personagens centrais da Literatura Brasileira, uma referente ao Romantismo e a outra ao Realismo, a saber, Aurélia Camargo, da obra *Senhora*, do autor José de Alencar; e, Capitu, da obra *Dom Casmurro*, do autor Machado de Assis.

#### 4. “Senhora” e a construção da personagem Aurélia Camargo

A obra “Senhora” foi escrita e publicada em 1874, sob o formato de folhetim, pelo autor José de Alencar. Nesta, são contempladas temáticas como o casamento, ao ser representado como forma de ascensão social, iniciando-se uma discussão acerca de valores e comportamentos da sociedade Fluminense referentes à segunda metade do século XIX.

Ainda que a narrativa se desenvolva dentro dos moldes dos romances, no qual o amor é visto como o único meio de redenção de todos os males, “Senhora” apresenta alguns elementos inovadores, que prenunciam a grande renovação que posteriormente viria no Realismo, a saber, a forte crítica à vaidade de comportamentos, à fragilidade dos valores burgueses resultantes do capitalismo brasileiro emergentes nesse período, bem como o grau de introspecção psicológica.

O livro pertence à primeira fase do Romantismo, cuja criação das personagens femininas por parte do autor José de Alencar volvia-se à idealização da mulher e o desfecho romântico para as personagens representa essa grande marca do estilo Romântico, a saber, casamento de conveniência, idealização feminina, dentre outras (PROENÇA FILHO, 2012).

A narrativa gira em torno de Aurélia Camargo, moça órfã e pobre, de um caráter exemplar, uma estrela na sociedade fluminense do século XIX. Contudo, assim como uma estrela, Aurélia emerge nessa sociedade aristocrata sem muito conhecimento acerca de seu passado. Embora jovem, ela já traz uma decepção amorosa, algo que nem todo o dinheiro que vem a possuir pode trazer-lhe paz.

“Senhora” é um romance urbano, uma obra-prima da literatura nacional. A linguagem refinada reflete os usos e costumes da sociedade carioca burguesa no período em que o Brasil ainda era colônia de Portugal. Assim, Aurélia é apresentada na obra como uma estrela, inalcançável, explicitada mediante adjetivos que lhe foram conferidos: linda, de personalidade forte, cabelos castanhos, delicada, detentora de olhos grandes e rasgados, toca piano, canta e aprendeu a arte da retórica, faz sucesso nos saraus, nos salões de baile, nas festas sociais, dentre outros.

Aurélia Camargo é filha de Emília, uma costureira, é órfã de pai e tem um tutor, seu tio Lemos, que cuida dos seus negócios e a ajuda a desenvolver suas aptidões. A moça é muito cortejada, casar era o único caminho para as mulheres naquele tempo, haja vista de a obra se passar no

contexto do Brasil imperial, em uma sociedade altamente machista; caso contrário, as mulheres deveriam tornar-se freiras. Aurélia tem muitos ricos admiradores, o que poderia ser motivo de adulação. Não obstante, a personagem tem plena consciência, não se considerando uma mercadoria, ressaltando extrema indignação por ter que viver tal situação.

É então, que por meio do dinheiro, Aurélia busca conseguir seu maior desejo: Fernando Seixas, jovem tomado por futilidades que a havia cortejado e depois dispensado sem prestar-lhe explicações, ele a amava, mas que foi se deixando envolver pelas aparências da vida social, gastando além do que tinha e acabando por arruinar a própria família: a mãe viúva e a irmã solteira. Por isso, Seixas troca Aurélia por outra moça, Adelaide, a quem não amava, mas que possuía um dote mais valioso.

Com o ocorrido, Aurélia começa a adquirir um sentimento de desprezo por todos os homens, o que apenas é alterado com a morte do seu avô, que lhe deixa uma grande herança, tornando-a a mulher mais cortejada de toda a cidade do Rio de Janeiro. Movida pelo despeito e desejando vingar-se, resolve comprar seu ex-noivo, a partir de um plano junto com o seu tutor, seu tio Lemos, o qual propõe a Fernando, mediante negociações secretas, o casamento com uma jovem muito rica, oferecendo-lhe um dote de cem contos de réis. Entretanto, na negociação foi exigida uma condição para Seixas: a assinatura de um contrato aceitando conhecer a noiva apenas no dia do casamento. Aurélia tinha como intenção, confessar o seu amor caso Seixas viesse a mostrar dignidade, recusando a proposta indecente, o que ele não faz, aceitando todas as condições contratuais.

Após a cerimônia de casamento, na noite de núpcias, Seixas descobre que a moça com quem casara é Aurélia, fica surpreso e feliz. Aurélia, entretanto, humilha-o, chamando-o de “oportunista” e “vendido”, afirmando tê-lo comprado, como se faz há um objeto e que, a partir daquele dia, nada mais teriam do que um casamento de conveniência.

A partir desse momento, Seixas sente-se ofendido, resolve recuperar sua dignidade e libertar-se de sua condição de escravo, comprado por cem contos de réis, a partir da percepção de que a sua ganância trouxera consequências drásticas. Decide-se, então, redimir-se em busca de sua honra como homem, trabalhando com afinco, com a intenção de devolver o dote de Aurélia. Assim, durante um período de onze meses ambos convivem como estranhos na mesma casa, afligindo-se mediante provocações irônicas, contudo perante a sociedade, representavam um casal feliz.

Durante esse período, Seixas consegue o dinheiro referente ao dote, devolve-o a Aurélia e recupera a sua dignidade. A sua atitude é valorizada por Aurélia, ao passo que o impedimento vergonhoso que os separava não mais existia, e, ao invés de separar-se como estava em seus planos, sente-se livre para confessar o seu amor por Seixas, que culmina ao final do romance, na reconciliação.

##### **5. “Dom Casmurro” e a construção da personagem Capitu**

“Dom Casmurro” é um romance de um suposto triângulo amoroso, envolvendo Bentinho, Capitu e Escobar. A obra é narrada por Bento Santiago, o próprio Bentinho, no entanto, já um senhor em idade avançada, que relembra a história da sua infância em Matacalvos, bairro localizado na cidade do Rio de Janeiro, onde conhece Capitu, sua vizinha, e grande amor da sua vida.

Os dois protagonistas apaixonam-se ainda na adolescência, prometendo se casarem quando chegassem à maioridade e quando a mãe de Bentinho, D. Glória, desistisse de enviá-lo para o seminário, a fim de que se tornasse padre, em cumprimento a promessa realizada após o nascimento dele.

O desenrolar da história nos mostra que, em consonância com a vontade da mãe, Bentinho vai para o seminário, e permanece nele não por muito tempo. Lá conhece Escobar, que se torna seu melhor amigo. Posteriormente, Bentinho precisa retornar a sua cidade natal, ao tomar ciência de que sua mãe estaria bastante doente. Nesse retorno, reencontra Capitu. E o tempo em que estiveram longe um do outro não conseguiu apagar o quanto ele ainda era apaixonado por ela. Nesse ínterim, Escobar também vai à casa de Bentinho para prestar suas condolências ao amigo.

A narrativa Machadiana continua elencando o namoro às escondidas de Bentinho e Capitu, quando Sancha, melhor amiga de Capitu, e Escobar se casam. Com a ajuda de José Dias, o Agregado, D. Glória começa a ver em Capitu a moça ideal para enlace matrimonial com seu filho Bentinho, dando aprovação para encerrar os seus estudos no seminário, ingressar na faculdade de Direito, retornar formado, e, enfim, casar-se com Capitu.

Sancha e Escobar têm uma filha a quem, em homenagem à Capitu, batizam com o mesmo nome. Bentinho e Capitu, após alguns anos de casados, conseguem realizar o sonho de serem pais. Nasce um menino

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

que em homenagem a Escobar, recebe o nome de Ezequiel, primeiro nome daquele.

Ao longo da narrativa as personagens vão ganhando novas performances e atitudes, como se Machado quisesse dissecá-las, o que não acontece de forma diferente com Bentinho, que passa a assumir uma postura cada vez mais ciumenta com Capitu. Ademais, começa a enxergar em seu filho Ezequiel, semelhanças com Escobar, algo que se agrava após a morte desse, sobretudo quando, no velório, Capitu começa a desenvolver características de extrema dor e pesar, o que na narrativa de Bentinho, nem Sacha, a esposa do defunto, encontrava-se movida por tal sentimento.

A partir de então Bentinho começa a desferir ameaças a Capitu, acusando-a de traição. Ambos se separam, mas mantém um casamento socialmente de fachada, na qual Capitu passa a viver na Europa juntamente com Ezequiel, porém, para a sociedade, continuou a ser a esposa de Bentinho até o momento de sua morte.

Após a morte de Capitu, Ezequiel retorna ao Brasil e depois de longa conversa com Bentinho vai estudar na Sibéria, onde é acometido por uma febre Tifoide que o leva a falecer. Bentinho de doce e gentil torna-se um homem totalmente amargurado, terminando a narrativa sozinho, e com um constante mau humor, o que lhe rende o apelido de “Dom Casmurro”.

A narrativa proposta pelo autor Machado de Assis nessa obra dialoga com a proposta da escola literária realista, a qual traz como características os elementos concernentes ao estilo de época que emerge na segunda metade do século XIX, revolvendo a sociedade brasileira no ínterim em que a obra foi escrita, inaugurando, assim, uma nova corrente teórico-filosófica na Literatura Brasileira que rompe com os ideais abrandados pelo Romantismo.

Nessa perspectiva, Proença Filho (2012) nos diz que nenhuma atitude de um personagem realista é gratuita, pois esses apresentam tanto defeitos quanto qualidades. Tem-se, assim, um triângulo amoroso formado pelos personagens Bentinho, Capitu e Escobar. Um triângulo que se difere, e muito, do apresentado até então no Romantismo, quando aparece o mocinho, a mocinha e um vilão; sendo esse último a representação de uma ameaça ao amor. Além disso, o elemento antirromântico apresenta-se também no combate à figura feminina como ideal.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Proença Filho (2012) ressalta que a preocupação realista era com a observação e a análise da realidade. Uma análise profunda dessa para evitar uma visão superficial/grosseira, focando nos valores morais e estéticos desse real. Nesse sentido, destaca-se a crítica que o narrador machadiano tece a estruturas sociais como o casamento, quando muitos naquela época ascendiam socialmente por intermédio dele, bem como no quão possível de falência essa estrutura pode ter, por sofrer com o adultério, os interesses econômicos, a ambição desmedida, a dissimulação, a vaidade, dentre outros.

Mesmo sendo a marca do Realismo mostrar uma “[...] rigorosa lógica entre as causas que determinam o comportamento dos protagonistas” (PROENÇA FILHO, 2012, p. 210), vemos, não por acaso, que o romance é escrito em primeira pessoa, e, por isso, abarca uma visão ambígua, uma narrativa parcial, sobre os acontecimentos. É Bentinho quem conta a história, e é o olhar dele que prevalece, direcionando o leitor.

Pela ironia Machadiana, Dom Casmurro revoluciona o amor-romântico, deixando para os leitores um dos grandes enigmas da história da literatura, sobre a suspeita do possível adultério de Capitu. Essa suposição é um dos elementos que sustenta o enredo do romance, construindo toda a narrativa em torno da grande questão: de fato houve ou não uma traição por parte de Capitu? Há provas ou devaneios? Até porque a ironia o ajuda a esconder as reais intenções das personagens.

A obra trata-se de uma história envolvente, circundada por elementos ricos em todos os detalhes, ao mesmo tempo em que gera também várias inquietudes, as quais perpassam décadas. De acordo com Proença Filho (2012), a preocupação com a verdade não somente no aspecto verossímil, por um rigor científico, intenciona a máxima aproximação com a realidade e a verdade que a circunda, na busca pela exatidão.

Nesse intento, a realidade idealizada ultrapassa a racionalidade ou imaginação por meio de sentimentos; é sim uma realidade materializada na verdade. Nota-se uma rigorosidade lógica entre as causas biológicas e sociais, que consonante Proença Filho (2012) determina e justifica certos comportamentos dos protagonistas, havendo, assim, uma lógica científica aceitável ao seu comportamento, o que pode ser verificado mediante as atitudes de alguns personagens que compõem a narrativa, como o agregado, Capitu, Escobar e o próprio Bentinho.

Interessante notar que apesar de parecer, esse não é o ponto principal que “Dom Casmurro” quer que alcancemos –, a análise se, de fato,

Capitu traiu ou não Bentinho –, já que a história de uma suposta traição é somente a forma com que a obra se articula para discorrer acerca de outras questões muito mais importantes. Ou como diria Proença Filho: “Busca do perene humano no drama da existência” (2012, p. 210).

## **6. Conclusão**

O século XIX circundou-se de elementos sociais que foram representados dentro da realidade da literatura romântica e realista, sobretudo no que tange aos papéis socialmente desempenhados pelas mulheres nas narrativas dos dois estilos literários. Tal construção é fruto da realidade observada e sofrida por modificações sociais, à medida que o verossímil consistiu em elemento fundamental para expor e ocultar as intempéries sociais desse período.

Ao realizar a análise das personagens no sentido de identificar seus processos de construção de identidades, percebeu-se que Aurélia Camargo, personagem da obra “Senhora”, do autor José de Alencar, ao comprar seu marido, Fernando Seixas, adota um comportamento antirromântico para a Literatura da época, fugindo às normas do estilo literário. Assim, a fim de que a estética romântica pudesse exercer o seu papel, Aurélia precisava deixar de lado o seu papel de condutora da relação, necessitando-se, por tanto, ser submissa ao marido e conduzida por este, o que ocorre ao final do romance, quando Seixas paga pelo seu resgate, devolvendo à Aurélia o valor de sua compra. Como finalmente eles acertaram as contas, a personagem Aurélia pôde ter seu final feliz, justificado pelo amor que sentia por Fernando Seixas. Nessa nova configuração, a personagem submete-se ao amor romântico pelo qual deixa ser conduzida.

No romance “Dom Casmurro”, do autor Machado de Assis, a personagem Capitu desejava abandonar sua origem humilde e inserir-se na alta sociedade. Assim, sua ambição uni-se ao seu sentimento de amor por Bentinho, pois o rapaz pertencia a uma família da alta sociedade fluminense. No século XIX, as mulheres casavam-se muito cedo e tinham muitos filhos, pois a família representava uma instituição na qual a mulher destacava-se pelas suas atribuições e responsabilidades domésticas, sempre submissas ao poder masculino.

Capitu é uma personagem que rompe com o padrão de mulher do século XIX pelas suas atitudes inovadoras. Entretanto, a moça com ideias



próprios é vencida pelo patriarcalismo representado pelo seu marido, sendo reprimida e submetida ao exílio até o restante dos seus dias.

As identidades de Capitu como filha, namorada e esposa a revela uma personagem que está à frente do seu tempo, pois suas atitudes não condizem com o modelo de mulher idealizado no século XIX, pois a personagem não está inserida no ideário romântico, mas sim em uma estética realista que busca mostrar que o amor não é capaz de causar redensões. Tal constatação pode ser comprovada mediante o fato de que os ciúmes de Bentinho não permitiram que a convivência ocorresse, sendo o casamento movido por aparências, cuja decisão de viajar para a Europa, na realidade, foi o motivo para ambos não ficarem juntos.

Nessa perspectiva, o papel da Linguística utilizada pelos autores românticos e realistas, sobretudo, no caso Machado de Assis, mediante uma ironia refinada de como são construídas essas relações, de modo a evidenciar que o espaço social corrobora para os destinos, sobretudo, os femininos, pois Capitu, oriunda de classe inferior, não pôde ficar com Bentinho, o qual pertencia a uma classe financeiramente abastada.

Nessa perspectiva, na obra realista, fica evidente que a distância permeia os destinos, contrariando as estruturas românticas, pois o casamento anteriormente instituído não é elemento garantidor para a permanência das personagens ao final da obra. O que não acontece com Aurélio, já que a redenção de Seixas contribuiu para que a história tivesse o típico final feliz do estilo de época Romantismo.

Os romances “Senhora” e “Dom Casmurro” incidem em obras literárias que materializam a teoria na prática literária e vice-versa, pois situa a Literatura como reflexo das preocupações contextuais dos períodos elencados nas obras. Dessa forma, tanto José de Alencar quanto Machado de Assis em suas obras, debruçaram-se sobre a sociedade, expondo os problemas que envolvem a convivência humana nas mais diversas relações sociais.

Destarte, pode-se considerar, mediante o estudo realizado, que a visão social incutiu reflexos e influências nas posturas femininas acerca das questões pertinentes a diversos aspectos da sua vida e, por conseguinte, na construção dessa mulher sob a ótica literária Alencariana e Machadiana, que ressalta a presença feminina buscando por seus direitos, realizando renúncias, estabelecendo a liberdade tão sonhada, construindo-se psicologicamente, dentre outras questões.

- ALENCAR, J. M. de. *Senhora*. 34 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Sol, 2006.
- AMODEO, Maria Tereza; PEREIRA; Vera Wannmacher (2010). *Linguística e Teoria da Literatura: uma interface possível*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/download/8115/5804>.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Yáscara Sibelly de Souza. *Gênero e Educação no século XIX: o ofício da mulher em foco nas fontes históricas*. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/imburana/article/viewFile/861/795>. Acesso em: set. 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era romântica*. 6. ed., v. 3. São Paulo: Global, 2002.
- DIONISIO, Angela Paiva; CAVALCANTI, Larissa de Pinho. *Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman, 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil / Angela Paiva Dionisio; Larissa de Pinho Cavalcanti [orgs.]*. Recife: Universitária UFPE e Pipa Comunicação, 2015.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. de Wal-tensir Outra; [revisão da tradução João Azenha Jr]. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e interdisciplinaridade*. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2008000100003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2008000100003). Acesso em: out. 2019.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. de J. Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1992.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura, Linguística e Linguagem: uma questão de diferença*. 2011. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/viewFile/32150/20444>. Acesso em: Acesso em: out. 2019.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

PROENÇA FILHO, Domicio. *Estilos de época na Literatura*. 20. ed. São Paulo: Prumo, 2012.

REDSON, José Carlos. *As curvas românticas de Alencar e Machado: entre as mulheres de papel e as veredas da identidade feminina*. Disponível em: [http://www.uern.br/controldepaginas/ppgl-dissertacoes-defendidas-2010/arquivos/0720dissertacao\\_carlos\\_redson.pdf](http://www.uern.br/controldepaginas/ppgl-dissertacoes-defendidas-2010/arquivos/0720dissertacao_carlos_redson.pdf). Acesso em: out. 2019.

SILVA, Maurício. *Entre a Linguística e a Literatura: Percursos Interdisciplinares*. 2015. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/lingua-literatura-ensino/0005.pdf>. Acesso em: out. 2019.

ZYNGIER, Sonia; VIANA, Vander; MENEZES, Danielle (2007). *A interface entre linguística aplicada e literatura: abordagens empíricas no contexto escolar*. Disponível em: [http://www.letras.ufrj.br/anglo\\_germanicas/cadernos/numeros/0X2007/textos/cl23052007sovan.pdf](http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/0X2007/textos/cl23052007sovan.pdf). Acesso em: out. 2019.